



O Estágio Supervisionado e a afetividade no ensino de Matemática: contribuições na construção da identidade docente

Eixo 8: Formação de professores que ensinam Matemática

Breno Ribeiro. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. brenoribeiro@aluno.edu.br;
Kátia Lima. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. katialima@ufrb.edu.br.

RESUMO

O presente relato apresenta reflexões a respeito da afetividade em sala de aula, bem como de que forma a relação professor-aluno pode contribuir para a construção da identidade profissional docente. Ele se baseia nas experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado III em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, ocorrido em uma escola pública municipal de Amargosa - BA, de março a maio de 2023. A partir das observações e das regências, foi possível identificar dificuldades dos alunos e observar sua relação com os professores, constatando a importância de criar um ambiente afetivo e enriquecedor na sala de aula. E a partir disso, tendo consciência da dificuldade de ser reconhecido no papel de professor-estagiário, foi necessário criar estratégias para estabelecer uma relação de afetividade em sala de aula. Essa abordagem refletiu em minha identidade profissional como professor e destacou a importância do afeto e da transição de estagiário para o papel de professor durante o estágio. Dessa forma, conclui-se que o Estágio Supervisionado pode proporcionar aos licenciandos uma oportunidade de vivenciar o ambiente escolar e observar as relações e desafios presentes na sala de aula.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Afetividade. Identidade profissional docente.

INTRODUÇÃO

Qual de nós, em algum momento da vida, nunca se questionou com a seguinte pergunta: “Que profissão devo seguir quando concluir o Ensino Médio?”. Sem dúvidas essa não é uma escolha fácil, visto que existem diversas áreas do conhecimento e em cada uma delas é ofertado um leque de opções. Nesta direção, pode-se destacar a carreira docente, que, sem desmerecer as demais, é verdadeiramente encantadora.

Entretanto, ao escolher cursar licenciatura, deixamos de lado opiniões, aflições e tudo que nos impulsiona a desistir dessa decisão. Por outro lado, durante a graduação é inevitável, em alguns momentos, não nos interpelarmos se realmente essa seria a profissão



a qual gostaríamos de exercer durante a nossa vida. Na maioria das vezes, o Estágio Supervisionado é utilizado como divisor de águas nesse processo decisivo.

Na graduação, esse componente curricular pode ser entendido como um período no qual o licenciando é inserido no seu futuro espaço de trabalho, podendo perceber as relações existentes nesse âmbito, os desafios a serem enfrentados e ainda a rotina de um profissional atuante na área, que nesse caso está na figura do professor regente. Assim, Fiorentini e Castro (2003, p.122) consideram que:

É justamente no momento de inserção no campo da prática profissional que os saberes da ação docente se constituem para cada professor, num processo que mobiliza, ressignifica e contextualiza os saberes e os valores adquiridos ao longo da vida estudantil, familiar e cultural.

Completam ainda, que o estágio supervisionado pode ser visto “Como uma experiência marcante para os licenciandos; um momento especial, durante o qual o professor em formação passa pela experiência da ação docente, a qual pode ser vista como fonte primeira de sua competência, de seu saber-ensinar” (Fiorentini e Castro, 2003,p.125).

Nesse sentido, entende-se que o estágio supervisionado é importante para a formação docente, garantindo que o licenciando consiga vivenciar, na prática, boa partedas teorias que estão sendo estudadas por ele na universidade. Além disso, permite a criatividade na preparação para as regências, a realização de uma análise crítica sobre a atuação do professor na sala de aula: como é a relação aluno-professor; qual a metodologia de ensino mais adequada para cada situação; como garantir uma melhor aprendizagem paraos alunos, e ainda, o torna mais confiante para quando for assumir uma turma como professor regente.

Outrossim, o Estágio Supervisionado pode contribuir para que o graduando se identifique como um profissional docente, que, de acordo com Ponte e Chapman, no caso de futuros professores de Matemática,

[...] pode ser considerada como se referindo ao eu profissional que constroem e reconstroem tornando-se e sendo professores. Ela inclui suas apropriações dos valores e normas da profissão; suas principais crenças



sobre o ensino e sobre si mesmos como professores; uma visão do que significa ser um "excelente professor" e do tipo de professor que querem ser; um entendimento de si mesmo como um aprendiz e uma capacidade de refletir sobre a experiência. A identidade profissional, então, é uma noção complexa [...]. (2008, p. 242)

Nessa ótica, entende-se que esse componente curricular na graduação, em particular no curso de Licenciatura em Matemática, oferece aos licenciandos oportunidades de testar metodologias, se posicionar diante dos possíveis conflitos na sala de aula e buscar estratégias que visem manter um bom relacionamento entre professor e aluno. Desse modo, o futuro professor pode planejar, executar o planejado e refletir sobre a sua prática na sala de aula nesse momento de formação.

Ainda, sobre a relação professor-aluno, Granzotto (2009, p. 9) indica que:

Cada vez mais se percebe a necessidade e a importância de se levar em consideração os afetos na sala de aula. Há alunos carentes de atenção, quando lhes propomos uma atividade, sem que haja aproximação e interação entre professor-aluno a aprendizagem pode fracassar, devido a falta de incentivo. Os alunos precisam se sentir bem e importantes para que permaneçam motivados na construção do conhecimento matemático.

Visto isso, considera-se que o Estágio Supervisionado também pode oportunizar ao futuro professor, principalmente na fase de observação, perceber as relações presentes na sala de aula, tais como: aluno-professor; aluno-aluno e aluno-estagiário. Assim, no momento da regência o estagiário já possui um certo vínculo com os estudantes, talvez ainda de amizade, porém com o tempo, esse contato tende a se tornar mais próximo do que é entendido como a relação aluno-professor.

Dessa forma, o presente relato tem por objetivo descrever a experiência de um estagiário no componente curricular Estágio Supervisionado Obrigatório III, no Curso de Licenciatura em Matemática, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, no Centro de Formação de Professores - CFP na cidade de Amargosa - Bahia. Nesse Estágio, as regências foram realizadas em uma turma do 9º B do turno matutino, em uma Escola Municipal durante o período de 08 de março até 03 de junho de 2023, sob supervisão da professora preceptora e regente.



Nesse relato, serão abordados alguns aspectos relacionados à influência da afetividade na aprendizagem dos estudantes, assim como as contribuições que o Estágio Supervisionado pode oferecer para que um futuro professor construa a sua identidade profissional docente. Para isso, o organizamos nos seguintes capítulos: Eu, a cadeira, o caderno e a caneta; Eu- Estagiário x Eu-Professor e Considerações finais.

EU, A CADEIRA, O CADERNO E A CANETA

Na fase inicial do estágio supervisionado, tem-se o período de observação da sala, que é correspondente a 6 aulas de 50 minutos. Neste intervalo de tempo, os estagiários atuam como seres passivos dentro do ambiente escolar, em que a sua função é apenas observar o que acontece na sala de aula: a didática do professor regente, relação aluno- professor, aluno-aluno e ainda buscar identificar algumas dificuldades dos estudantes a partir de um olhar mais próximo deles.

Durante essas 6 aulas, os estudantes criavam estratégias para que existisse um contato entre nós, perguntava quando começaria a ministrar as aulas, qual seria o período do meu estágio, e questões correlatas. Como sempre ficava posicionado no fundo da sala, tive a oportunidade de me aproximar principalmente de alguns estudantes considerados

“bagunceiros” que, por sua vez, confundiam as minhas anotações que estavam relacionadas à descrição da aula, com possíveis observações sobre o comportamento deles.

Depois de alguns diálogos com esses estudantes, consegui desconstruir essa falsa ideia de que estava ali para “vigiá-los” e, comecei a perceber que a nossa interação melhorou significativamente. Assim, em certos momentos das aulas, eles perguntavam bastante e tentavam esclarecer dúvidas que surgiam durante a explicação da professora regente. Como estava na fase de observação, não podia interferir diretamente na aula, mas quando percebia que a dúvida estava relacionada à notação ou escrita, por exemplo, não via problema em ajudá-los.

Nesse período, observei que a relação dos alunos com a professora regente estava resumida em uma boa parceria. Entretanto, por vezes, era necessário que ela tomasse decisões mais rígidas, porém, era muito raro isso acontecer. Nesse sentido, percebi que de modo geral a sala era muito participativa e compreendia os conceitos rapidamente.



Nos últimos dias de observação, grande parte da turma já me conhecia e isso era o suficiente para que eles dialogassem tranquilamente comigo nos corredores. E, em um desses diálogos a aluna falou: “O senhor não vai ser igual o professor “tal” não, né? Ele só faz reclamar e quando entra na sala a gente não consegue nem se concentrar mais”. Visto isso, comecei a refletir sobre qual exemplo gostaria de seguir. O da professora regente, que possuía um ótimo relacionamento com a turma, ou o desse professor “tal” que, segundo os estudantes, não possuía relação de amizade nenhuma com eles.

Não posso julgar ninguém, muito menos alegar que estabelecer uma relação de amizade com os estudantes é sempre melhor do que manter um contato apenas profissional. Porém, tive a certeza que a primeira opção estava muito mais relacionada com a minha personalidade e tentaria de todo jeito conquistar a confiança, o respeito e o carinho dos estudantes, pois entendia que esse seria um dos caminhos para manter uma bela sintonia na sala de aula.

Por mais que o tempo de convivência nessa escola fosse curto, observei que uma relação afetiva na sala de aula pode favorecer significativamente no processo de ensino e aprendizagem, e ainda, fortalece a parceria entre o professor e o restante da turma. Uma vez que esse relacionamento possivelmente tornará este espaço um ambiente agradável, tanto para o docente quanto para os discentes. Assim, ao falar sobre afetividade nas aulas, concordo com Costa e Souza (2006, p. 12) quando afirmam que:

[...] Afetividade está ligada a autoestima e as formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor e aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade.

Desse modo, é possível contatar que criar essa distância na qual esses autores apontam não é o melhor caminho a ser trilhado pelo professor, pois criar bloqueios com os alunos só contribuirá para que eles considerem as aulas cada vez mais chatas, ou seja, sem atrativos. Com isso, construí uma certeza sobre como atuaria nas minhas regências. A princípio, gostaria de ser um professor parceiro, porém que não deixaria uma boa relação ser confundida com a liberdade do aluno agir da maneira que quisessem na sala de aula.



EU-ESTAGIÁRIO x EU-PROFESSOR

Depois das observações, chega então o momento de iniciar as regências, na qual, o estagiário deve planejar e ministrar 26 aulas de 50 minutos cada. Nesse estágio, essa fase foi realizada em dupla, juntamente com outro graduando que também estava cursando o componente curricular Estágio Supervisionado III.

Nas primeiras aulas, era bem complicado assumir a turma, visto que os estudantes possivelmente não me enxergavam como um professor e sim como um estagiário. A conversa paralela, as brincadeiras e a desordem só eram controladas quando a professora regente resolvia se pronunciar. Por mais que eu pedisse para que eles se sentassem e parassem de conversar, isso nunca funcionava e parecia que não tinha ninguém ali dando aula.

Refletindo sobre isso, decidi criar estratégias que pudessem me auxiliar a dispor da autoridade de professor na turma. A princípio, pensei em me espelhar naquele professor durão que uma das alunas comentou no período da observação, mas logo percebi que esse não era o meu jeito e muito menos a solução para esse problema. Assim, observei a relação da professora regente com eles e resolvi me inspirar nela.

Dessa forma, nos dias seguintes, sempre que era possível, conversava na sala de aula e nos corredores com alguns estudantes. Essas conversas não necessariamente estavam relacionadas ao conteúdo da disciplina, mas sim a um contexto geral e que eles se sentiam à vontade em conversar. Com isso, comecei a ganhar a confiança dessas pessoinhas moderadamente, além de conhecer aos poucos sobre a personalidade e sonhos de alguns deles.

Isso parece ser algo inútil até o momento, já que na sala de aula a desordem ainda continuava. Porém, depois de alguns dias o objetivo era ser reconhecido não só como um amigo que conversa pelos corredores, mas sim como um professor. Nesse sentido, quando o barulho estava intenso, comecei a chamar atenção precisamente daqueles que conversavam e não mais da turma toda. Aos poucos estes alunos se sentiam no dever de atender ao que o seu “amigo” estava solicitando. Pode acreditar... as coisas estavam melhorando.



Nos dias seguintes, mantive a rotina de conversar pelos corredores e dessa vez algo me surpreendeu, porque grande parte da turma não estava me chamando mais de Breno ou de Estagiário, mas sim de professor. Confesso que a partir daí já estava encantado com o resultado que havia obtido em tão pouco tempo, porém ainda existia uma ansiedade para observar se isso também tinha surtido efeito na sala de aula.

Dessa forma, ao entrar na sala e dizer “bom dia, turma”, praticamente todos eles responderam dizendo: “bom dia, professor Breno”. Nessa hora abri um sorriso de um lado ao outro, pois essa era a primeira vez que, dentro da sala, eles se referiam a mim de fato como um professor de matemática. Isso não foi a solução de todos os problemas, como a conversa, a bagunça, mas quem estava pedindo silêncio agora era o professor Breno, não mais o estagiário. Percebeu a diferença?

Com isso, criei outras estratégias, dessa vez para fazer reclamações com os alunos, por exemplo: quando precisava pedir silêncio não os mandava ficarem quietos, simplesmente perguntava qual era a fofoca e pedia para que eles me contassem também; e quando era necessário solicitar o não uso do celular durante a aula, tem alguma ideia? Ei, moço, salva meu número que conversamos sobre o assunto aqui pelo WhatsApp. Isso tudo parece ser uma história sem fundamento, mas acredite... deu muito certo!

De modo geral, consegui em pouco tempo entender sobre quem eu sou enquanto professor. Sou o brincalhão ou o marrento? O que não mantém contato com os estudantes ou o que conversa sobre tudo e é um amigo de todos? Aprendi a me reconhecer professor e não só um aluno de graduação.

Neste viés, pode-se destacar dois pontos que marcaram esse período de regência do Estágio Supervisionado III: (i) a importância de entender o aluno como pessoa e não ter medo de possuir afeto por eles e (ii) a transição do eu aluno para o eu professor. Sobre o primeiro ponto, Bonfim (2010, p. 9) destaca que o “afeto entre educador e educando é como uma semente lançada na terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz fruto de qualidade”.

Assim, reitero a importância de possuir boas relações com os estudantes, pois às vezes eles só necessitam de atenção ou até mesmo de uma conversa em que possam compartilhar informações, ideias, metas e sonhos.



Sobre o segundo ponto, Fiorentini e Castro (2003) afirma que essa transição ou passagem de aluno a professor, não é tranquila pois envolve tensões e conflitos entre o que se sabe, o que se espera da sala de aula, o que se idealiza e o que de fato ocorre e pode ser realizado na prática. E é justamente no estágio supervisionado que essa inversão de papéis acontece mais efetivamente.

Em convergência com essas ideias, Ponte e Chapman (2008, p. 247), indicam que: “a visibilidade do desenvolvimento da identidade de futuros professores aumenta à medida que se comprometem com atividades e assumem papéis mais próximos daqueles do professor que atua em sala de aula”. Dessa forma, o Estágio Supervisionado III contribuiu significativamente para que fosse possível desenvolver em mim o que é chamado de Identidade Profissional Docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado é importante para a formação de professores, pois durante esse período, o licenciando é inserido no ambiente escolar, observando as relações existentes na sala de aula, os desafios enfrentados pelos professores e a rotina de um profissional atuante na área. Além disso, pode ser utilizado como critério de decisão pelo graduando, ou seja, se realmente essa é a profissão na qual ele almeja atuar durante a sua vida.

Assim, este componente me permitiu vivenciar experiências encantadoras durante a minha formação acadêmica. Através dele, tive a oportunidade de iniciar o processo de construção da minha identidade profissional docente, que por sua vez foi marcada por algumas características pessoais e pela crença de que o afeto e a educação não podem ser dissociados.

Em suma, percebi que estabelecer uma relação afetiva com os alunos não é algo fácil, principalmente durante o curto período de estágio. No entanto, ao adotar estratégias como demonstrar interesse genuíno pelos alunos, ouvir ativamente suas opiniões e preocupações, e promover um ambiente de respeito e confiança mútua, pude incentivar a interação e o envolvimento dos estudantes, contribuindo para que a nossa relação professor-aluno melhorasse ao longo das aulas.



Consequentemente, essa boa relação refletiu no desenvolvimento das aulas, fazendo com que os alunos passassem a me enxergar como professor. Essa mudança na percepção deles foi significativa, visto que começaram a reconhecer e respeitar minha autoridade e meu papel como educador. Antes dessa relação de afetividade ser estabelecida, os alunos possivelmente me viam apenas como um estagiário ou alguém menos experiente, o que afetava a dinâmica das aulas.

Além disso, a boa relação com os alunos também resultou em um aumento na participação deles durante as aulas. Quando eles se sentiram próximos e confortáveis comigo, se envolveram mais nas atividades propostas, expressaram suas opiniões e tiraram dúvidas com mais frequência. Isso criou um ambiente de aprendizado dinâmico e colaborativo.

REFERÊNCIAS

BONFIM, P. **A cultura do voluntariado no Brasil: determinações econômicas e de política na atualidade**. São Paulo. Cortez, 2010.

COSTA, K. S. da; SOUZA, K. M. de. **O Aspecto Sócio-Afetivo no Processo Ensino Aprendizagem na visão de Piaget**, Vygotsky e Wallon. 2006.

FIORENTINI, Dario; CASTRO, Franciana Carneiro de. Tornando-se professor de matemática: o caso de Allan em prática de ensino e estágio supervisionado. In: FIORENTINI, Dario (org.). **Formação de professores de matemática: explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.p. 121- 156

GRANZOTTO, M. F. **Afetividade e Educação Matemática**. 2009. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- Campus de Erechim, Erechim, 2009.

PONTE, J. P.; CHAPMAN, O. Preservice mathematics teachers' knowledge and development. In: ENGLISH, L. D. (Ed.). **Handbook of international research in mathematics education**. 2. ed. New York: Routledge, 2008. p. 225-263.

SILVA, É. R. da; SALES, A. **A Contribuição do Estágio Supervisionado para a Formação do Professor de Matemática**. 2011. Monografia – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2011.